Minutos do Povos pelas Florestas

20-22 de maio de 2025

Dia 1: Cultivando nossas raízes de conectividade	
9	**Cerimônia para as florestas e a Mãe Terra**
	Os participantes foram recebidos e convidados a participar de um ritual, seguindo as tradições indígenas de todo o mundo, agradecemos à Mãe Terra e pedimos permissão para usar a terra e realizar nossa reunião. Reunimo-nos em torno de um grande carvalho sob o qual estavam queimando sálvia e incenso. Os participantes cantaram em homenagem à nossa mãe, a água, e ao espírito do pai, convidando-nos a dar as boas-vindas ao sol e a nos conectarmos com nossos antepassados. Fomos conduzidos em uma canção e falamos sobre por que o fogo faz parte das tradições de muitos povos em todo o mundo. Acendemos velas para reconhecer a sabedoria ao nosso redor e agradecer à terra pelo espaço que ocuparemos nos próximos três dias. Os gerentes da Bergerie Villarceaux apresentaram o espaço e sua história. A floresta ao redor dessa fazenda foi cortada e replantada anteriormente para projetos de construção. Hoje, o espaço é coadministrado por seis organizações diferentes, incluindo duas fazendas, projetos de gestão florestal e habitantes da região. Encerramos a cerimônia com um exercício de respiração e cada pessoa colocou um objeto precioso sobre a mesa para ser abençoado. Em seguida, recebemos algumas águas com infusão de flores, que são um símbolo de vida e esperança, e depois, em pequenos grupos, falamos sobre o objeto que demos para ser abençoado e o que ele significa para nós.
10.30	**Plenária: Culturas como cura para a crise global (Culture & Healing)**

	Havia um clima de esperança e desafio na sala quando líderes de todo o mundo se sentaram em um círculo e descreveram a situação em seus países e a história de seus movimentos de justiça ambiental. Muitos incluíram apelos à ação, sonhos e um pedido para ver a cultura como um ativo que nos permite aproveitar o poder coletivo. Houve reflexões sobre como a cultura pode nos permitir mudar a forma como vivemos, como vemos e tratamos a natureza e como superamos as adversidades. Citações memoráveis incluídas: O que não é natural é cultural, podemos criar um futuro melhor se começarmos agora; a vida coletiva nos ajudará a sair da crise; precisamos repensar e acreditar se quisermos mudar o mundo; e esperança é um verbo! "Se não fizermos uma pausa e não ousarmos sonhar com o futuro, então o futuro não nos pertencerá"; "Temos empatia, verdade e ciência do nosso lado"; "É nosso dever transmitir o microfone para aqueles que não compartilham do nosso privilégio"; "Em nossa rede, temos a dor e a esperança como nossos aliados". O Movimento da Cruz Vermelha está lembrando às empresas exploradoras que o povo de Papua Ocidental existe e pertence à terra. A história do movimento está se espalhando e a cruz se tornou um símbolo de resistência e solidariedade para os povos indígenas sempre que eles enfrentam poderes extrativistas, especialmente depois que o sistema jurídico não conseguiu afirmar seus direitos. Precisamos encontrar uma maneira de reconstruir e não de nos desconectarmos da fonte; nossas florestas são nosso patrimônio, são nossas vidas; o que quer que aconteça com as florestas nos afeta; não podemos falar de justiça ambiental e climática sem justiça cultural; nossa floresta é nossa vida e precisamos protegê-la com tudo o que temos. Sonhar e os sonhos nos conectam ao mundo espiritual, ao cosmos, à família; quando falamos em indigenizar as mentes das pessoas, não queremos dizer que elas se tornem indígenas, mas que adotem os valores dos povos indígenas; quando dizemos "nós somos a solução", é porque sabemos sobre o gerenciamento de terras, conhecemos nosso povo e nossas lutas; se não formos todos livres, nenhum de nós será livre e é por isso que devemos lutar pela justiça coletiva. É importante nos fazermos perguntas como: como falamos com pessoas que estão destruindo florestas e povos e como falamos com pessoas que foram traficadas e continuam sendo tratadas de forma inferior? Precisamos ver a COP30 de uma perspectiva crítica/ olhos abertos porque muitas vidas ainda estão em risco.
13.30	**História do movimento florestal a partir de diferentes regiões/perspectivas**
	Começamos ouvindo **Angela Mendes**, filha de Chico Mendes, líder do movimento dos seringueiros que foi assassinado em 1988 por seu trabalho. Na Amazônia, a extração da borracha é uma fonte de renda, mas também uma fonte de espiritualidade. Os seringueiros

	também coletam açaí e outras frutas silvestres e muitos remédios que curam doenças físicas e mentais. Esse movimento começou porque os territórios onde vivem os povos indígenas estavam sendo ocupados. O governo brasileiro chamou essas regiões de vazias e incentivou as pessoas a ocupá-las. A grilagem de terras gerou conflitos que levaram ao movimento. A resistência foi desenvolvida graças aos movimentos de base. Chico liderou um movimento auto-organizado de resistência - ele entendeu o papel que tinha a desempenhar. Ele entendeu a importância de sua educação - era membro da resistência comunista, ensinando sobre a luta de classes e os trabalhadores na floresta. Ele organizou o primeiro sindicato de trabalhadores rurais na floresta amazônica. Os primeiros sindicatos estavam na cidade - ninguém tinha ouvido falar de sindicatos em áreas rurais. Eles queriam impedir que os agricultores industriais destruíssem as florestas. Em seguida, ouvimos **Samuel Nguiffo, morador** de Camarões e vencedor do prêmio Goldman, um prestigiado prêmio de liderança ambiental. Ele nos levou de volta a 1995, quando havia um forte programa de ajuste estrutural no país. Mas a única coisa que eles tinham para vender era a natureza. Foi assim que começou a extração intensiva de madeira, com concessões de longo prazo, chamadas de "extração sustentável". Não sabemos o que isso significa, mas sabemos que não é sustentável do ponto de vista ecológico ou econômico. Os planos de manejo florestal não vieram de nossos países, mas de empresas estrangeiras, com dinheiro estrangeiro, extraindo madeira sem nenhum valor para nosso país. Foi por isso que começamos em 1995 - fiz uma turnê pela Europa - e conheci Saskia no Forest Movement Europe e fiz uma pergunta simples: você me ajudaria? Houve uma conexão imediata com os ativistas dos países do Norte: não podemos resolver o problema apenas do nosso lado. Pessoas diferentes tinham problemas diferentes com os planos de manejo: algumas não queriam que as pessoas cortassem a floresta de forma alguma, outras estavam satisfeitas com a extração de madeira, mas queriam mais compartilhamento de benefícios ou mais empregos. Não tínhamos universidades de Camarões, o conhecimento vinha de fora do continente. Precisávamos de um argumento decisivo, que surgiu em 1998: parar de falar sobre florestas sustentáveis e falar sobre a extração ilegal de madeira, pois tudo o que estava acontecendo era ilegal. Ninguém pode lutar pela extração ilegal de madeira - é um teste constante saber como mobilizar as pessoas. **Rukka Sombolinggi** explicou que a história indígena remonta a milhares de anos e que, quando a Indonésia declarou independência, os povos indígenas foram reconhecidos. Apesar disso, as coisas não saíram como planejado e os direitos coletivos não foram incluídos em uma lei. Ainda hoje há apropriação de terras - é legal, mas não legítima. A Indonésia reescreveu a história da Indonésia como uma identidade única, mas ela era uma terra de identidades diferentes e ainda é. Eles nos estigmatizaram - nos alienaram, nos apagaram - com um programa de reassentamento de povos primitivos. Um dos fundadores do movimento contra a empresa de papel e celulose protegia a floresta como se fosse sua filha. Quando eles tiravam as árvores, eles cantavam. Mas uma das mulheres resistiu e foi despida porque resistiu às empresas. Foi assim que a Aman foi fundada em 1999.

	Saskia: Falou sobre a origem da samambaia e a história do Movimento Florestal da Europa, que, em muitos aspectos, são a mesma coisa. Começamos na Malásia, em Sarawak, impedindo que o Japão importasse madeira de lei da Malásia: "Ban Japan from the Rainforest". Examinamos o que a UE estava fazendo e onde ela tem um impacto. **Está ficando mais difícil ou mais fácil?** Os problemas continuam existindo. Precisamos de uma mudança fundamental: "Estamos lutando demais dentro do sistema, precisamos lutar contra o sistema." Precisamos treinar os jovens, precisamos usar o artivismo, a arte e a cultura são uma ferramenta poderosa para transformar a sociedade. Trazer a justiça de volta é trazer a cultura de volta. Precisamos lutar por nosso direito a uma identidade. Precisamos entender como os governos de extrema direita são problemáticos - no Brasil, retrocedemos, nossa terra sofreu -, precisamos nos concentrar na comunicação estratégica e desenvolver o papel das mulheres e dos jovens. Precisamos ser realistas com relação aos desafios. "Ser pessimista é um privilégio - temos que ser otimistas." Precisamos nos inspirar uns nos outros. O livro de Chico Mendes foi compartilhado em toda a Indonésia e os inspirou a lutar por seus direitos à terra. Temos que mapear nossos direitos à terra para mostrar que nossa terra ancestral nos pertence. Mas se não tivéssemos começado o mapeamento, não teríamos nada para acompanhar a decisão do tribunal constitucional. Precisamos lutar contra o comércio de carbono - os povos indígenas estão lutando - nosso futuro é o nosso povo - não podemos depender do nosso governo, não podemos depender de pessoas de fora. Temos que confiar em nós mesmos. Se formos pessimistas, temos que voltar para casa. Não temos tempo, as florestas estão desaparecendo diante de nossos olhos. Temos que agir hoje. Estamos caindo em uma armadilha: as questões são fragmentadas (água, florestas, terra), mas não é assim que venceremos. A extrema direita está unificada, precisamos ser MAIS unificados! Os estudantes são uma parte central dos movimentos, e as mulheres são uma grande parte da resistência. Temos que garantir que as mulheres estejam na liderança - essa é uma parte importante da história.
14.30	**Nós nos dividimos em quatro grupos para vivenciar a beleza ao nosso redor. Cada grupo vivenciou um aspecto diferente da floresta: exercício, espiritualidade, educação e relaxamento**

	Era uma bela tarde ensolarada no Val d'Oise, com a primavera chegando. Os participantes estavam ansiosos e esperançosos e cada um escolheu uma maneira diferente de descobrir as florestas do território em que haviam chegado. Alguns optaram por desacelerar. Eles embarcaram em um passeio voltado para o conhecimento de si mesmos na floresta. Descalços ou de tênis, eles caminharam por trilhas rurais até um bosque de carvalhos repleto de vegetação rasteira e centopeias. Lá, eles se sentaram em círculo, alguns na vegetação e outros em um tronco. Ao ritmo das maracas, cada um compartilhou a história de como conheceu a floresta, como crianças crescendo em comunidades indígenas, como adolescentes alienados de todas as coisas naturais ou como ativistas engajados na reforma florestal décadas atrás. Eles ficaram de pé, cantaram e ouviram, depois marcharam lentamente de volta - o último grupo a retornar. Outros optaram por fazer uma caminhada para exercitar as pernas. Metade desse grupo entrou em uma van e foi para La Roche-Guyon, onde estacionaram perto de um castelo com vista para o sinuoso rio Sena. Em seguida, subiram e desceram várias vezes em uma floresta íngreme. Dois se perderam no caminho, mas foram encontrados com alegria. Os outros não tinham carro, então se reuniram em um círculo e decidiram caminhar a partir da Bergerie. Começando um pouco desanimados com os grandes campos ininterruptos, eles acabaram chegando com gratidão a uma floresta antiga banhada por um sol suave. As conversas fluíam em duplas e trios. Um terceiro grupo queria nadar no rio Epte. Eles foram deixados perto do Moulin de Fourges, um elegante moinho construído em 1790 em uma margem gramada do rio. Lá, eles se sentaram e se deitaram ao sol. Quando mergulharam cuidadosamente os dedos dos pés na água, ficaram ofegantes. A decisão unânime foi que, em uma água tão fria, nadar não era sequer concebível. Eles riram e voltaram a se sentar. Um último grupo queria fazer um intercâmbio com a guarda florestal local, Heloise, e o botânico local, Vincent. Eles foram para a floresta mais próxima da Bergerie, com seus caminhos retos e árvores jovens e diversificadas. Lá, Heloise explicou a história e o contexto do manejo florestal na França. Quais espécies cresciam, por que e como eram cortadas e como eram vendidas. Vincent e os que o acompanhavam buscavam plantas - plantas para comer, plantas para curar, plantas para pintar. Em seguida, todos voltaram para a Bergerie com o apetite aguçado para encerrar o dia em um jantar coletivo e atividades noturnas felizes.

Quarta-feira, 21 de maio

Dia 2 | Fortalecendo os ramos		
9.00	Círculos **de check-in**	A sessão de aquecimento foi repleta de alegria, barulho e energia, reunindo todos os participantes para o espírito do dia.

9.30	**Fluxos comerciais e desmatamento - sessão de abertura**
	Fern conduziu uma sessão em que foram visualizados os fluxos comerciais de commodities que causam desmatamento. Fios de cores diferentes foram compartilhados pela sala, representando diferentes commodities, mostrando onde as commodities estão sendo produzidas e onde estão sendo consumidas. Houve muitas observações, mas talvez a mais notável tenha sido o enorme efeito que a China teve e está tendo em todos os países - e sem nunca iniciar uma guerra, pois, em vez disso, ela usa o poder financeiro e brando. Também foi observado que o Oriente Médio não foi representado por ninguém na reunião, mas seu consumo de carne bovina está levando a uma enorme quantidade de desmatamento, inclusive na Austrália. As commodities mencionadas incluíam óleo de palma (verde); mineração (preto); soja (amarelo); rosa (carne bovina); papel e celulose (azul); laranja (biomassa); e madeira (vermelho) e o quadro era muito complicado, mesmo sem incluir café e cacau etc. Também foi observado que não estávamos mapeando o financiamento de commodities como as dos EUA, China, Brasil, Canadá e outras, e que precisamos pensar também no financiamento. A Suíça e a Coreia foram mencionadas como países ausentes. **Em seguida, foi feita uma** apresentação explicando o impacto da China sobre as florestas em diferentes partes do mundo e quais são os planos chineses para lidar com isso. A China tem muitas florestas (florestas tibetanas, florestas tropicais e Taiga) e, desde que proibiu o corte de árvores nas florestas chinesas, o país é um grande importador, "exportamos nossos próprios problemas para outros países". A China é o maior importador de soja para alimentar animais; também importa grandes quantidades de óleo de palma do sudeste asiático; carne bovina e couro da América Latina; borracha; madeira da Rússia, da África (Bacia do Congo e Moçambique) e do sudeste asiático. A China também tem as maiores frotas de navios, exporta tudo, tecnologia etc. Costumava usar esses navios para transportar mercadorias. Ela costumava usar esses navios para trazer resíduos, mas agora importa commodities, pois não quer voltar com navios vazios. A China também importa minerais que causam desmatamento: níquel (Indonésia) e bauxita (Guiné); e a Iniciativa Cinturão e Rota está levando a projetos de desmatamento em todo o mundo: estradas e represas etc. No entanto, a China não investe em hospitais e educação, ela investe em sinais de desenvolvimento - desenvolvimento monumental. A China é o maior produtor de papel do mundo (importações da Indonésia/Amazônia, mas também plantações domésticas). A carne bovina também é enorme! Consideramos uma **proposta** para aplicar a Lei Florestal da China também aos produtos importados. Ele não conseguiu terminar de apresentar seus slides sobre quais são as propostas do governo chinês para resolver esses problemas, portanto, confira-os no site do evento. Outra apresentação enfocou a Regulamentação de Desmatamento da UE (EUDR), que será extremamente importante, mas não abrange uma série de commodities de risco florestal. Ele explicou que a EUDR afetará principalmente o Brasil, a China e os EUA. Mas ele é extremamente importante para muitos países, como a Indonésia (óleo de palma) ou a Costa do Marfim (cacau). Também foi explicado que os EUA importam coisas muito diferentes da UE, por exemplo, eles importam grandes quantidades de móveis de madeira dos EUA.

	A apresentação seguinte começou dizendo que, se estamos falando sobre a China e a UE, precisamos falar também sobre os EUA. Há uma boa notícia de Illinois (um esforço real para aprovar uma lei de compras públicas em nível estadual), mas o resto são más notícias! O governo Trump quer produzir mais madeira nacional e está aumentando sua oposição ao EUDR. Isso está sendo pressionado pelo setor de celulose e papel e pelos canadenses que estão usando o governo dos EUA para levantar suas objeções ao EUDR. Eles o veem como uma ameaça existencial. O Lacey Act é bom, mas não há dinheiro suficiente para sua implementação. O outro aspecto positivo é que, no atual contexto político, é possível impor tarifas sobre qualquer coisa! Não devemos pressionar por isso, mas talvez a associação de gado dos EUA o faça. Poderíamos usar as tarifas como um instrumento contundente para fazer alguma coisa. Uma apresentação sobre o papel da Índia na promoção do desmatamento por meio do comércio está disponível no site da Peoples For Forests (a Índia é o maior importador mundial de óleo de palma).
	Grupo de discussão sobre papel e celulose Nove pessoas da Suécia, Moçambique, Rússia, EUA e outros países se juntaram a nós. Começamos analisando a escala do problema, o número de grandes empresas que trabalham além das fronteiras. Falamos sobre o sucesso! A Green Resources devolveu algumas terras porque foi à falência devido à resistência da comunidade (saiu de duas plantações e ficou em uma). Eles fizeram grandes promessas, mas não cumpriram nenhuma e só plantaram 10% da terra. Na Suécia, os ativistas conseguiram obter uma redução de mais de 40% na extração de madeira em terras indígenas. Isso foi conseguido reunindo diferentes grupos para apoiar as campanhas uns dos outros e lutando em nível internacional e internacional. Outra vitória foi interromper o desmatamento em Papua ao ameaçar o proprietário coreano da empresa de perder a certificação FSC. Nos Estados Unidos, houve sucesso no mapeamento de florestas de alto valor de conservação e na obtenção de algumas empresas para que não as abandonem. Em Moçambique, ainda há preocupações sobre possíveis violências e impactos nas comunidades se houver muito barulho. É importante saber quando falar, e isso não deve ocorrer até que o caso seja levado ao tribunal, pois antes disso há perigo (um advogado foi morto recentemente). Na Rússia, a situação é muito difícil, as empresas internacionais foram embora e o governo russo planejou construir várias empresas na Sibéria, mas, felizmente, não conseguiu dinheiro suficiente. Há 40 anos não são construídas novas usinas na Rússia. As ONGs ambientais russas estão com problemas. O Greenpeace e o WWF desapareceram (acusados de serem agentes estrangeiros). O FoE é o único grande grupo que ainda sobrevive, mas teve que limpar seu site para se dedicar apenas à educação ambiental. Essa é a única maneira de sobreviver. Na Finlândia, a realização de inventários (mapeamento florestal) tem sido muito útil - eles o utilizam para programas de proteção, permitindo que os locais protejam as coisas em nível municipal.

	Como podemos trabalhar juntos? Fazer mais com menos? Cheguem a um acordo sobre uma mensagem conjunta, como a proibição de monoculturas ou cortes rasos em todos os países, inclusive nas plantações. Compartilhe os filmes que já temos (como o filme da IKEA). Parar a expansão, não se deslocar para os ecossistemas. A EPN sugeriu que poderia ser a anfitriã do material compartilhado e, em breve, compartilhará um documento para os investidores - linhas vermelhas para o papel verde. Foi sugerido que todos se reunissem em torno do exemplo mais flagrante de dano que está sendo causado. É preciso haver mais colaboração entre as ONGs internacionais e as organizações locais. Houve uma proposta para começar a atacar as empresas de transporte marítimo, começar a falar e pensar sobre o "Tráfico de Desmatamento" e concordar que as grandes organizações precisam apoiar as pequenas organizações e que os poderosos apoiam os impotentes.
	Sessão de discussão sobre biomassa As principais empresas que estão promovendo a destruição da biomassa são Drax, Green Resources, Enviva, Profunda, Mitsubishi e Erex. O financiamento está vindo da Áustria, Suíça, Reino Unido, Alemanha e Holanda, em parte porque as empresas influenciam seus governos. Há alguns pontos positivos: eliminação gradual dos subsídios públicos (Reino Unido, Coreia do Sul), aumento da rastreabilidade. **A Green Resources** está envolvida na destruição de florestas primárias na Indonésia, em Uganda e em Moçambique. As campanhas contra eles se concentram nos direitos humanos e na apropriação de terras. Há uma fraca ligação entre o uso da floresta e da terra com a transição de energia, mesmo entre as organizações que fazem campanha, mas é possível obter resultados, como quando uma usina foi parada na Holanda por ser ilegal. Na Polônia, houve uma declaração política sobre a proibição da madeira em instalações de energia. Foi acordado que a **Biomass Action Network** deve fortalecer a rede existente e estabelecer mais conexões com pessoas no Brasil e em outros BRICS antes da COP30. Eles também devem tentar alcançar públicos diferentes, como o G20/grandes países econômicos que estão promovendo a bioeconomia. Foi acordado que uma das questões a serem levantadas na COP30 é a necessidade de uma transição energética justa; o fim das plantações de monocultura (energia), que também estão sendo usadas como compensações de carbono para reduzir a necessidade de a UE reduzir as emissões. Isso é colonialismo verde. Devemos considerar a possibilidade de realizar um evento na Cúpula dos Povos e já estamos tentando organizar uma reunião de pessoas do Brasil, da Indonésia etc. para compartilhar histórias e criar um impulso. Também devemos entrar em contato com jornalistas que possam estar interessados.

	O objetivo será estabelecer uma conexão melhor entre as regiões, para aprimorar a narrativa e a comunicação. Mapearemos os atores que precisam ser contatados.
	Sessão de discussão sobre madeira É interessante notar que não houve participantes da América Latina. Discutimos as empresas mais destrutivas e quem estava fazendo campanha contra elas. É difícil fazer isso, pois as empresas criam empresas-sombra complexas e as estruturas não são claras. Os fluxos comerciais também são complexos - por exemplo, a madeira da empresa CAMVERT em Camarões vem da conversão em óleo de palma, que entra na cadeia de suprimentos. É difícil até mesmo nomear as empresas que estão por trás do aumento do desmatamento em 2011/2012. Há conexões em todos os lugares, por exemplo, entre a Malásia e Papua Nova Guiné, o que vem ocorrendo há 45 anos. Os direitos dos povos indígenas estão sendo retirados deles - as ferramentas de combate são a coleta de dados, o financiamento e o uso de esquemas de certificação e do EUDR para criar pressão. Empresas como a SAMLING estão em toda parte, mesmo que o nome físico não apareça. Houve consenso de que seria bom estabelecer mais vínculos entre as organizações, como na República Democrática do Congo. Os registros de remessa poderiam ser úteis, pois os dados são mínimos, mas mesmo assim empresas diferentes trabalham com nomes diferentes. É essencial que os relatórios sejam preparados por grupos de monitoramento independentes. O Vietnã importa muita madeira e há um Sistema de Garantia da Legalidade da Madeira, mas ainda há muita ilegalidade e espaço limitado para a sociedade civil. A aplicação da lei florestal, a governança e o comércio e o EUDR ajudam a aumentar a transparência e o monitoramento independente. Concluímos que as conexões feitas no encontro Peoples for Forests são muito importantes. Essas coisas levam tempo - os sucessos geralmente vêm depois. **Principais conclusões**: o EUDR é uma alavanca importante para a sociedade civil manter a pressão para reformar a legislação nacional para aumentar a rastreabilidade; há muito comércio sul-sul e as organizações do norte desempenham um papel no apoio à pesquisa e aos dados. Precisamos continuar trabalhando juntos.
	Sessão de discussão sobre mineração Discutimos a mineração de ouro e os "minerais de transição", cuja extração está crescendo. As principais multinacionais que operam nesse setor criaram empresas nacionais para se beneficiarem de incentivos adicionais. As empresas chinesas estão por toda parte, como a Tsingshan, a Jinchuan, a Chinalco e a Zijin Metals, que está investindo em áreas florestais e tem um histórico muito ruim. 75% das empresas de fundição de níquel na Indonésia são chinesas e o programa de mineração chinês é financiado por bancos comerciais. A

	Green Camel Bell (uma ONG chinesa) está pesquisando e se envolvendo com as instituições financeiras chinesas por trás dos bancos. Eles fazem parte da coalizão ACBC. O BankTrack tem perfis de todas essas empresas. Elas também fazem parte da coalizão Forests and Finance. Outras multinacionais relevantes são Anglo American (britânica), Glencore (suíça), OceanaGold (australiana), Sumitomo (japonesa), Chinalco, FCF Metals (britânica), Valle (brasileira), RioTinto (britânica), Eramet (francesa), B2Gold, Tvird, Barrick (canadense). O setor de baterias e o setor automobilístico foram mencionados com frequência quando se trata de mineração na Indonésia e nas Filipinas. CATL (China), LG Energy Solution (Coreia do Sul) para o setor de baterias e Ford, Tesla, VW, Volvo, Stellantis, BYD e Mercedes Benz para o setor automobilístico. Uma ONG equatoriana ganhou um processo contra uma empresa de mineração chinesa com base no direito à natureza e está pedindo uma moratória para as concessões que invadem as terras dos povos indígenas. O ouro é mais lucrativo do que a cocaína e é usado para lavar o dinheiro do tráfico de drogas. **Pontos de ação:** Investigar e expor os metais da Zijing; consultar os perfis das empresas no Bank Track e usar a pesquisa da Green Camel Bell.
	Grupo de discussão sobre óleo de palma Compartilhamos nomes de empresas abusivas, incluindo Unilever, Natura Aceites, CIA, OPALMA; Wilmar; Socfin; Socapalm; Golden Veroleum; Lestari e Korindo. Exemplos de estratégias de campanha que funcionaram incluem: levantar bandeiras vermelhas com os compradores; usar o mecanismo de reclamação (falho) da RSPO (e fazer reclamações ao Banco Mundial e à OCDE); conscientização pública para desmascarar o greenwashing; entrar com processos judiciais (mesmo que eles fracassem no final); educação cultural afro-climática; e demonstrações. Concordamos que precisamos trabalhar localmente, mas também analisar as questões sistêmicas. Os pagamentos financeiros das empresas são um forte incentivo para que as comunidades locais vendam terras para atender às necessidades básicas. A capacitação e o aprendizado de como ser economicamente independente podem funcionar. Concordamos que precisamos de uma mobilização anticolonial global contra as empresas e a monocultura, com base na aliança informal entre a África Central e a África Ocidental, que se reúnem anualmente on-line e pessoalmente a cada dois anos.
	Grupo de discussão sobre soja Os participantes compartilharam preocupações sobre a conversão contínua de ecossistemas para a soja, os efeitos da soja transgênica e a crescente demanda da China por soja. Em áreas tradicionalmente usadas para a criação de gado, a soja também está se tornando uma

	ameaça. Na maioria dos países representados na mesa, os comerciantes de grãos Cargill e Bunge estão associados à conversão. As propostas brasileiras de leis retrógradas para que os agricultores licenciem automaticamente a conversão são uma enorme ameaça às florestas e às comunidades indígenas. Discutimos a importância de conectar as bases locais com a sociedade civil local, os investidores, os analistas de comércio e as ONGs internacionais para estabelecer vínculos entre os impactos sociais e o comércio, de modo a formular preocupações fundamentadas nos termos do EUDR. Foi proposta uma reunião regional na América Latina.
	Grupo de discussão sobre carne bovina Nós nos apresentamos e identificamos os principais produtores de carne bovina no Brasil, na Europa e na China (a JBS foi mencionada por todos), bem como as principais questões ligadas às cadeias de suprimento de carne bovina - especialmente em relação à apropriação de terras indígenas e à violação dos direitos das comunidades locais. As questões levantadas incluíram o fato de que o passaporte verde - um programa de rastreabilidade para carne bovina - verifica apenas 3% das exportações, mas, mesmo se bem implementado, não leva em consideração outros critérios, como abusos de direitos humanos e direitos à terra. A APIB e o ICV explicaram que, no Brasil, os direitos à terra das comunidades muitas vezes não são respeitados, o que significa que é muito importante que quaisquer programas de sustentabilidade (ou iniciativas da China) integrem um aspecto de direitos à terra. Concordamos que seria interessante que as organizações chinesas e brasileiras se conectassem e desenvolvessem uma estratégia de defesa conjunta: As organizações chinesas SNISD terão prazer em se reunir com as comunidades indígenas e a APIB em Brasília em sua futura viagem ao Brasil. As autoridades do governo chinês também visitarão o Brasil em junho e seria ótimo se elas pudessem conhecer a APIB e, principalmente, visitar as comunidades. Haverá também uma delegação de ONGs brasileiras visitando a China em outubro. Muitas oportunidades surgirão nos próximos meses e será essencial que as contrapartes chinesas testemunhem as atividades dos agronegócios, se reúnam com líderes indígenas e visitem as comunidades florestais. Para aumentar a participação indígena no passaporte verde, é preciso haver mais participação nas políticas públicas, como no Mato Grosso, onde é necessário haver um conselho para interagir com os tomadores de decisão e garantir que as comunidades sejam consultadas sobre novos projetos.
11.45	**Sessão paralela 1: Comunicações estratégicas e poder de contar histórias**
	Ouvimos uma apresentação sobre a extrema direita na Europa: a extrema direita está crescendo na Europa, liderando as pesquisas em vários países. Eles estão prosperando com as queixas públicas sobre a desaceleração econômica e têm o apoio da mídia tradicional e alternativa (eles são bons no TikTok, Discord e Telegram, usando narrativas simples de nós contra eles; a mídia tradicional foi

	enfraquecida e está sendo reconstruída por bilionários que fazem notícias a partir de vídeos aleatórios da Internet. As plataformas de mídia social não são neutras; seu principal objetivo é ganhar dinheiro com o TikTok, por exemplo, 90% assistem e não publicam nada. As comunicações estratégicas são obcecadas com o público, mas não com quem representamos e como representá-lo melhor. No **Brasil**, os jovens estavam usando os fã-clubes para votar. A Midia Ninja colaborou em uma campanha com os fã-clubes mais populares (por exemplo, Marvel) e trabalhou com pessoas famosas, como Mark Ruffalo, o que fez com que mais celebridades apoiassem sua causa. **OjoPublico**, uma organização de jornalismo investigativo sem fins lucrativos, analisou a mineração ilegal de ouro na Amazônia e descobriu que a maior parte do ouro da Bolívia, Peru, Colômbia e Equador tem origens suspeitas. O FBI usou uma de suas investigações como base para fechar uma refinaria. Emirados Árabes Unidos e Índia estão comprando mais ouro da América Latina **Panamá:** A mídia social se tornou a principal forma de as comunidades compartilharem informações sobre seus territórios porque não há mídia tradicional na área. A mídia social também é um meio de apresentar contra-narrativas, preservar tradições orais e destacar vozes não ouvidas. Há influenciadores indígenas com foco político - não se trata de obter curtidas, documentar e compartilhar é um ato de resistência e preservação. **Equador:** Quando os canais de mídia não queriam se envolver com a campanha, recorremos às rádios, que levavam histórias a todos os lares, e fizemos um tour de ônibus de cidade em cidade para explicar nossos problemas - só então a mídia tradicional demonstrou interesse, e então vencemos! **Quênia:** Os jovens organizaram uma grande revolução via TikTok contra as medidas de endividamento. Essa foi uma grande surpresa, pois foi orgânica e liderada por jovens. O movimento não tinha rosto nem líderes, por isso o governo se esforçou para esmagá-lo. Tentaram forçar uma negociação por meio de canais tradicionais, mas os jovens disseram não, venham e expliquem. Eles tentaram forçar uma negociação por meio de canais tradicionais, mas os jovens disseram não, venham e expliquem para nós no TikTok. 💡Grande questão: Podemos nos dar ao luxo de não nos envolvermos com a mídia convencional?
11.45	**Sessão paralela 2: Usando a lei em nosso trabalho**
	As principais formas de usar a lei são o monitoramento independente, a advocacia e a defesa das comunidades e das florestas. Na América Latina, os direitos da natureza são muito proeminentes. Fomos incentivados a mudar para a justiça ecológica e falamos sobre a inovadora constituição do Equador, que reconhece os direitos da natureza - não é possível viver bem se a comunidade ou a natureza não estiverem bem. "**Se não temos uma lei, nossa luta é para conseguir uma lei; se temos uma lei ruim, nossa luta é para melhorá-la; se temos uma boa lei, nossa luta é para implementá-la."** Também foi mencionado que em alguns lugares da América Latina a água tem direitos.

	Foi explicado que, na Costa do Marfim, o monitoramento independente da sociedade civil agora faz parte da Lei Florestal nacional - era uma exigência das negociações do VPA. Esse monitoramento levou a sanções contra funcionários do governo: um grande avanço que melhorou a governança florestal. As investigações levaram à proteção de importantes áreas florestais. Em seguida, foi dito que o óleo de palma pode ser plantado em qualquer lugar da Indonésia - portanto, essa "fruta mágica" destruiu muitas florestas. Há uma complexidade entre proteger as florestas para o carbono e também aumentar a produção de alimentos. Para que a sociedade civil local seja ouvida pelas autoridades governamentais de alto nível, é necessária pressão internacional, como a EUDR e a EUTR (EU Timber Regulation). O EUTR aumentou a rastreabilidade e espera-se que o EUDR faça algo semelhante - a Diretiva de Energia Renovável da UE não desencadeará discussões semelhantes. Na Romênia, a liberalização do mercado de 2025 mudou as coisas. Historicamente, tem havido algum sucesso com a intensificação da aplicação da lei, mas as autoridades também são, às vezes, corruptas. Trabalhar com organizações internacionais como a ClientEarth é importante, pois elas usam a legislação da UE para responsabilizar a Romênia - a Comissão Europeia iniciou processos de infração relacionados às Diretivas Habitats e Aves que levaram à proibição do corte raso em florestas protegidas. Eles também conseguiram obter um sistema digitalizado de rastreamento de madeira - assim, se você vir toras em um caminhão, poderá rastreá-las. Isso custou cerca de 500 milhões de euros, mas a transferência de know-how é o aspecto mais importante. A Eslováquia e a Bulgária desenvolveram sistemas semelhantes aos da Romênia, mas eles não estão sendo desenvolvidos de forma mais ampla porque o poderoso setor florestal não gosta disso. Houve uma sugestão de criarmos uma lista de discussão para usar a lei para proteger o meio ambiente!
11.45	**Sessão paralela 3: Explorando as oportunidades e os desafios enfrentados pelas comunidades locais na proteção e conservação dos bens comuns da floresta**
	O círculo de participantes foi recebido com calma e estrutura, e deu início a uma primeira rodada de discussões sobre as ameaças aos bens comuns da floresta. **Começamos** ouvindo que, apesar da Lei Florestal Indiana (2006), as comunidades indígenas ainda estavam lutando para obter direitos comunitários e mapas seguros. Ele citou leis contraditórias, mineração, problemas com empresas e contratos e falta de recursos suficientes para elaborar planos de gerenciamento como principais ameaças. Em seguida, ouvimos sobre as lutas dos quilombolas no Brasil: sua história traumática, suas terras roubadas pelo agronegócio, os riscos de assassinato e a luta pelos direitos humanos. Ela pediu que o legado da COP30 seja a demarcação dos territórios quilombolas.

	Assistimos a um vídeo curto e comovente que mostra as ameaças aos bens comuns da floresta em Papua Nova Guiné. As árvores Kwila estão caindo, as concessões de exploração madeireira estão sendo distribuídas e as plantações de palmeiras estão crescendo, mas pouca renda vai para o povo. As empresas madeireiras da Malásia afirmam que são proprietárias da floresta, mas ela pertence ao povo: 95% da terra é consuetudinária. "As árvores, o ouro e o cobre pertencem a nós, e qualquer forma de desenvolvimento que chegue à PNG precisa passar pela população. Precisamos educar os proprietários de terras e os clãs e capacitá-los com informações para que possam contestar a exploração madeireira." Foram apresentadas as ameaças às florestas no Gabão, um país com 88% de cobertura florestal e dois milhões de habitantes. A baixa densidade populacional significa que a ameaça não vem da população, mas das concessões de exploração madeireira e do agronegócio (com 300.000 ha de concessões para palma e borracha). As florestas comunitárias não são gerenciadas adequadamente, e suas terras são cobiçadas pelo agronegócio. As florestas rurais não são definidas e mapeadas adequadamente, o que significa que algumas comunidades são privadas de florestas. Isso precisa mudar. Uma iniciativa que pode permitir essa mudança é o mapeamento participativo. As discussões se concentraram em estratégias para proteger os bens comuns e a segurança física dos defensores da floresta. **As estratégias de proteção coletiva** propostas **incluíram:** Reconhecimento legal dos direitos de posse da terra e da floresta da comunidade; monitoramento da comunidade (para ver quem está lá); drones (para documentar atividades ilegais); GIS; tecnologias de mapeamento; e fortalecimento da governança da comunidade e defesa nacional e global para criar pressão sobre essas empresas e outros atores que estão impactando negativamente as comunidades. Outros requisitos são reter a juventude local (que está migrando para as grandes cidades), por exemplo, por meio do empreendedorismo de produtos florestais não madeireiros. Foi enfatizado que o Pará, o estado que sedia a COP, está destruindo territórios e matando defensores. A comunidade global deve insistir para que o Brasil, assim como a Colômbia na CBD, defenda os direitos dos afrodescendentes na COP, e que a Colômbia faça pressão nesse sentido. **Qual é o nosso apelo à ação para a COP30?** As ideias incluem: "Respeitar os direitos dos povos indígenas da PNG. Dê-nos a oportunidade de falar por nós mesmos, deixe-nos tomar as decisões sobre nossa terra e o que queremos dela. No momento, somos uma nação sem voz"; "o dinheiro que vai para os países vulneráveis deve ir para as comunidades"; "os direitos consuetudinários estão presos à terra no período da jurisprudência pré-moderna. No momento em que você os codifica, está abrindo-os para emendas e ajustes. Eles não podem ser alterados."; "Precisamos de mais apoio para que as comunidades locais e as bases falem em seu próprio nome e de mais financiamento para aumentar a participação dos IPLCs e da sociedade civil. Estamos cansados de discursos políticos que não produzem nenhum resultado."

	Também foram levantadas preocupações sobre as COPs e a forma como os povos indígenas são tratados.
11.45	**Sessão paralela 4: Defunding deforestation**
	Fomos apresentados à Forests and Finance Coalition (Coalizão de Florestas e Finanças), que monitora as finanças destinadas às empresas que lidam com commodities de risco florestal. Ela tem algumas ferramentas úteis, como a meta 14 da Convenção sobre Diversidade Biológica, que afirma que os fluxos financeiros devem estar alinhados com as metas de biodiversidade. Foi explicado que as conversas que estamos tendo com os bancos e o setor financeiro agora eram impensáveis há apenas 20 anos - não é ingovernável - no Peru, conseguimos que mais de 20 agentes financeiros declarassem que não investiriam em um grande projeto de mineração que teria implicações ambientais e de direitos humanos dramáticas. **Muito pode ser feito se trabalharmos juntos**. **Um participante** destacou que as florestas são fundamentais para a subsistência de todos e estão localizadas nos territórios dos povos indígenas e das comunidades locais. A conversação é fundamental para os estados africanos, pois eles dependem de commodities agrícolas baseadas na exportação. Precisamos conhecer os financiadores (bancos, atores institucionais internacionais etc.) que investem nas expansões agroindustriais e denunciá-los em todos os níveis - as violações cometidas pelos grandes agronegócios e seus financiadores. **Exemplos de campanhas financeiras incluem:** TUK Indonésia entrando com uma ação judicial contra a apropriação de terras indígenas; a sociedade civil reduzindo o tamanho da plantação de uma empresa da Malásia no oeste da Libéria; um relatório da Global Witness sobre o investimento do Santander em uma empresa argentina responsável por mais de 1.000 hectares de desmatamento sem consentimento local; a EUDR garantindo uma avaliação de impacto do financiamento europeu que impulsiona o desmatamento; a lei de due diligence do Reino Unido, que força o governo a analisar seus financiamentos; o Brasil bloqueou instituições financeiras para que não pudessem iniciar projetos em áreas relacionadas ao desmatamento (agora elas precisam provar que seus projetos não estão causando nenhum dano); também no Brasil, organizações indígenas apresentaram queixas contra instituições financeiras envolvidas em atividades prejudiciais. **SOCFIN**: a coalizão de florestas e finanças descobriu que a Bolloré, o ING e um grande banco norueguês estavam financiando essa empresa que está envolvida em plantações de óleo de palma na África Ocidental, na Indonésia e em outros lugares. Eles lideraram protestos para expor o papel dos financiadores e apresentaram uma queixa à OCDE. **Infelizmente, como esse é um mecanismo voluntário, o banco se retirou sem nenhuma consequência - portanto, precisamos de mecanismos obrigatórios para responsabilizar os agentes privados.** Como o ING fazia parte do RSPO (esquema de certificação de óleo de palma), eles usaram essa plataforma para denunciá-los e usaram o Centro de Recursos de Negócios e Direitos Humanos para destacar os impactos prejudiciais da

	SOCFIN para que os financiadores não pudessem fingir que não sabiam. Esse trabalho levou a dezenas de desinvestimentos (parando de financiar o ING); indenizações a agricultores em Camarões e mapeamento de terras em Serra Leoa. **Recursos úteis:** O The Countermergulho profundo nos dados das coalizões Forests and Finance e , da SOMO, fornecem dados sobre a propriedade corporativa e os financiadores por trás das empresas. O banco de dados BankTrack mostra os projetos prejudiciais com os quais os bancos e as seguradoras estão relacionados. O Business and Human Rights Resource Centre também tem um bom banco de dados sobre empresas. Para verificar quais empresas foram excluídas publicamente por agentes financeiros, você pode consultar o rastreador Financial Exclusions.
14.30	**Sessão paralela 1: Proteção do conhecimento tradicional**
	Concordamos que esse era um lugar para compartilhar espaço, inspiração e conhecimento, iniciando a reunião invocando os ancestrais, os espíritos e as energias e levantando a preocupação de que o conhecimento tradicional está sendo apropriado e monetizado. As discussões giraram em torno do que é conhecimento tradicional e o que ele significa para as comunidades tradicionais e, especialmente, para as mulheres. De acordo com **uma participante,** esse conhecimento sobreviveu graças a gerações de mulheres indígenas. "**Nossas tradições nos tornam quem somos, são nossa cultura."** As comunidades indígenas protegem 80% da biodiversidade do mundo, mas agora as empresas estão roubando nosso conhecimento. Conversamos com pessoas, organizações da sociedade civil, governos e empresas para chegar a um acordo sobre formas de reconhecer e respeitar nosso conhecimento. Precisamos do conceito "o Corpo territorio" (território do corpo) - as pessoas são seus territórios. **"É importante reflorestar nossas mentes e compartilhar nosso conhecimento.**" Nós, povos indígenas, devemos respeitar todos os nossos conhecimentos e culturas por meio de territórios demarcados e um território corporal seguro. Há pouco respeito por nossas terras, direitos e conhecimento tradicional, devemos falar sobre a violência que sofremos e compartilhar nossas esperanças para um futuro. Somos herboristas, vivemos nas florestas, cuidamos delas, somos o conhecimento tradicional. Toda mulher é a personificação do conhecimento ancestral e é responsável por compartilhá-lo com as futuras mulheres. **Outro membro do grupo** falou sobre as diversas estruturas jurídicas que tratam da proteção do conhecimento tradicional: da Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas à Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, ao Protocolo de Nagoya sobre Acesso e Repartição de Benefícios, à Convenção sobre Diversidade Biológica, à Convenção sobre a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Intangível e muito mais... a força de ter tantas estruturas é que elas reconhecem direitos, repartição de benefícios e leis consuetudinárias... as limitações são a incompatibilidade com os sistemas de propriedade individual ocidentais, a falta de aplicabilidade e a participação inadequada. Podemos usá-los para apoiar os protocolos comunitários e devemos pressionar pela

	implementação e pelo reconhecimento total da lei consuetudinária e pelo empoderamento das comunidades indígenas e afrodescendentes. **Ouvimos** falar da Estratégia e Plano de Ação para a Biodiversidade dos Povos Indígenas das Filipinas (IPBSAP), que é um projeto para os Povos Indígenas pelos Povos Indígenas. É um compromisso coletivo criado após as 23 metas da Estrutura de Biodiversidade Global de Kunming-Montreal da Convenção das Nações Unidas sobre Diversidade Biológica. Ele compila dados espaciais, socioeconômicos, ambientais e outros sobre os Povos Indígenas e seus domínios e informa o planejamento de políticas e o projeto de governança, além de ser um documento vivo e vivo. Os esforços para concretizar o IPBSAP abrangem quase um milhão de hectares de territórios indígenas, aumentando para dois milhões até 2027 (27% da cobertura florestal). Na Guiana Francesa, os povos indígenas compartilharam a cura da malária por meio de plantas e o governo francês a tomou sem reconhecer a origem do conhecimento. Não usamos patentes, o conhecimento indígena está fluindo, é coletivo. As patentes se referem a novas ideias, mas acreditamos na evolução do conhecimento. Como podemos receber royalties por nossos conhecimentos e recursos, de quem você obteria o consentimento? Moralmente, acreditamos que nosso folclore não deve ser adaptado por uma grande marca como a Disney, mas o uso não se encaixa no conhecimento tradicional. Muitas vezes, os povos indígenas não foram colonizados pelos colonizadores europeus e não se definem como parte do país colonizado (como as Filipinas). Leis como a Indigenous Peoples Rights Act (Lei dos Direitos dos Povos Indígenas) tentam chegar a um acordo sobre isso. Da mesma forma, no Brasil, os povos mantiveram seus idiomas, hábitos e territórios e falam sobre "retomadas" - tomar de volta o que é deles (territórios roubados). Mas agora as línguas ancestrais estão desaparecendo, precisamos de territórios para a sobrevivência física e cultural. No Brasil, também há povos tradicionais de origem africana (que foram escravizados) que podem se sentir responsáveis pelo conhecimento, pelas tradições e pelas culturas dos povos originais da África. Somos escravizados pelo imperialismo e devemos combater a xenofobia e a exploração dos afrodescendentes. Concordamos que o conhecimento ancestral precisa ser atraente para os jovens, até mesmo o termo "indígena" teve uma conotação ruim por um tempo. Nosso idioma foi roubado, precisamos trazer de volta o orgulho.
14.30	**Sessão paralela 2: Conectando lutas locais a públicos globais**
	A sala foi dividida em cinco grupos de discussão, para debater cenários da vida real que não se traduzem bem em atas; a ideia era garantir que as pessoas entendessem alguns cenários da vida real. **O primeiro grupo analisou se deveria se concentrar em dados originais de base ou em alianças estratégicas com instituições existentes.** Concluiu-se que as alianças estratégicas são melhores, já que é difícil obter dados locais. **O segundo analisou se as investigações devem ser suspensas até que você tenha todos os dados necessários.** Concluiu-se que esse não é o caso, pois é bom ter dados de satélite e dados locais. Foi dado o exemplo de um jornalista que usou

	imagens de satélite para monitorar o tráfego de madeira em estradas ilegais da RDC para a África Oriental, acompanhado de histórias locais. Ela produziu seis reportagens e o jornalista ganhou um prêmio por jornalismo investigativo. **A terceira analisou se devemos plantar as sementes da resistência ou esperar até que os alicerces estejam prontos, mesmo que as florestas estejam caindo.** Nesse caso (extração de níquel em Kabaena), a FoE Indonésia e a Satya Bumi geraram financiamento, obtiveram cobertura internacional e fizeram uma apresentação no Fórum da OCDE. Eles se esforçaram para manter os moradores locais fora de perigo. **O quarto tema foi o que fazer quando algo não parece certo**: **você fala ou fica quieto?** Você fala e diz que quer voltar, fazendo com que o grupo inteiro se vire, ou fica quieto? Todos concordaram que você deve ouvir os parceiros locais, mas levantar suas preocupações. No exemplo dado, estava estranhamente quieto porque um tigre estava se movendo, mas os parceiros locais e os visitantes internacionais não disseram nada - é sempre bom levantar preocupações. **O exemplo final analisou a necessidade de capturar vários ângulos de uma história ou de compartilhar o que foi obtido rapidamente.** No exemplo dado, eles decidiram fazer as duas coisas: uma história inicial que chamou a atenção de um jornalista internacional, o que levou a uma história maior. Todos concordaram que a principal lição da sessão foi a importância de criar confiança e ouvir uns aos outros. Isso é difícil e consome tempo, mas vale a pena.
14.30	**Sessão paralela 4: Educação: Juventude em foco**
	Essa sessão foi conduzida por mulheres, a maioria delas jovens. Era um grupo pequeno e íntimo, cheio de força e energia. Começou com uma rodada de histórias pessoais. **Falamos** sobre educação popular por meio do corpo, da arte e do ativismo, sobre o trabalho com mulheres vulneráveis para desenvolver a forma como elas aprendem e vivem por meio de seus corpos. **Em seguida, houve discussões** sobre trauma e violência contra os direitos humanos em Papua Ocidental, sobre como sua educação permitiu que ela retornasse a Papua Ocidental e trabalhasse com seu povo para proteger e viver em suas terras. "Não consigo dormir bem se não fizer nada para ajudar minha comunidade." **O grupo foi então** saudado em quíchua, a terra das batatas nativas. Uma participante falou sobre seu trabalho nas mídias sociais para ajudar sua comunidade a se perguntar: "Quem somos nós? Quais são nossas raízes?" e sua jornada pela educação formal como a primeira pessoa de sua família a frequentar a universidade, onde estudou antropologia. **A moderadora** falou sobre a importância de trabalhar com os jovens para fortalecer seu sentimento de pertencimento à terra e sua identidade. Em seguida, ela perguntou: ***Como usamos essas experiências para invadir o sistema? Para hackear o patriarcado, o racismo, o capitalismo.*** Foi descrito o nascimento do movimento florestal e juvenil finlandês, primeiramente por meio de jovens educados interessados em biodiversidade, mas agora formado predominantemente por mulheres, com base no mapeamento participativo coletivo e altamente político de espécies ameaçadas de extinção.

	Foi enfatizado que precisamos entender a natureza como um sujeito e não como um objeto. Precisamos hackear as monoculturas, precisamos propor outros espaços para nos conhecermos. Ela descreveu uma campanha que antecedeu a COP da CBD na Colômbia, na qual eles relacionaram o direito à água potável, o desmatamento e a luta contra a apropriação de terras e recursos por parte das empresas multinacionais. **Um participante disse: "**Precisamos estrangular o sistema, não hackeá-lo. Precisamos estrangulá-lo e ele morrerá. Precisamos estrangulá-lo e então ele morrerá. Não há meio termo, não há meio termo. Há transições". Ela descreveu seu trabalho contra as escolas públicas na Indonésia, que participam da destruição do meio ambiente. Nos últimos 10 anos, o trabalho com mães e avós tem sido pedir aos jovens que voltem para casa. Atualmente, existem 130 escolas indígenas que ajudam a curar almas feridas, desaprender o conhecimento existente e reaprender o conhecimento indígena. Eles desenvolveram sua própria universidade indígena, por exemplo, advogados indígenas aprendendo sistemas jurídicos indígenas. **Ouvimos falar do** trabalho **de um participante** com a tribo Marin, que está aprendendo a história por meio da narração de histórias e de nomes. Os católicos deram nomes aos povos indígenas quando chegaram a Papua, mas os Marin agora estão dando nomes papuanos a seus filhos - é assim que eles garantem que sua história seja transmitida de geração em geração. Ela descreveu a ação de plantar uma árvore Sagu: "Quando alguém planta isso, está plantando para as próximas gerações: use isso para criar um vínculo emocional com as pessoas" **Ouvimos dizer que**: "a melhor maneira de hackear o sistema é usar suas próprias armas: por meio da mídia social. Contar nossas próprias histórias, propor alternativas a Hollywood. Somos produtos do conhecimento de nossos ancestrais. Estamos aqui porque estamos vivos e temos danças e músicas para aprender e conhecer. O que estamos dizendo reafirma nossa existência. Temos nossa própria terminologia. Ela é universal, como o céu e as estrelas. Precisamos descolonizar a memória imposta, transferir o conhecimento das avós e dos avôs para as novas gerações." A sessão foi encerrada por uma participante que compartilhou sua angústia com o empobrecimento da cultura europeia. "Não conheço minhas histórias porque elas nunca me foram contadas. Precisamos nos reconectar com a cultura popular da Europa, trazer de volta o conhecimento e respeitar a nossa origem. Nós, ONGs ocidentais, precisamos repensar radicalmente nossas formas de trabalho."
14.30	**Sessão paralela 5: A armadilha dos "produtos verdes**
	Nós nos apresentamos e falamos sobre os problemas em questão - o consumo global de produtos "verdes" ultrapassou 100 bilhões de toneladas por ano, e já usamos mais madeira do que as florestas podem fornecer de forma sustentável (consulte "Everything from wood",

	a Europa consome cinco vezes mais do que o resto do mundo). A produção está se deslocando para o Sul global, onde a apropriação de terras e a colonização por megacorporações estão aumentando (APP na Indonésia, por exemplo). **"Quando impedimos uma empresa de destruir um pedaço de terra, outra empresa chega!"** Exemplos incluem o **território quilombola no Brasil**, que está sendo transformado em plantações de eucalipto desde a década de 1970. As empresas mudam seus nomes, mas não suas práticas. As plantações não são florestas, elas esgotam os lençóis freáticos. Recuperamos algumas terras indígenas, mas a reforma agrária está apenas no papel, o governo Lula não ajudou. A China é o primeiro importador de produtos agrícolas brasileiros, como soja e carne bovina, e as tensões comerciais entre os EUA e a China significam que isso vai aumentar... precisamos de cadeias de suprimentos livres de desmatamento entre o Brasil e a China, usando os sistemas de rastreabilidade existentes em nível estadual e federal. Após a visita de Lula à China, há esperança de um acordo verde, especialmente em relação à carne bovina. Na **Suécia,** os "produtos verdes" são o nosso maior problema. O Estado sueco ajudou a reescrever a definição de florestas da FAO, que agora faz com que a Suécia pareça verde - eles são bons em relações públicas. Estamos ficando sem florestas e o corte raso é a prática predominante. Eles se opõem à EUDR porque grande parte da extração de madeira na Suécia é ilegal. Eles plantam espécies de árvores "ilegais" e invasoras em terras indígenas, o que é proibido no resto da Suécia! A Suécia também bloqueia mudanças progressivas em nível da UE. A única maneira de a "transição verde" funcionar é se partirmos do conceito de suficiência - não mudar as commodities, reduzir o consumo (no Norte global). Precisamos voltar a pensar em qualidade em vez de quantidade e reconhecer que, se reduzirmos os combustíveis fósseis, mas os substituirmos por lítio, poderemos causar o mesmo dano. Portanto, precisamos pensar no panorama geral: se temos um decrescimento, precisamos de um decrescimento equitativo. Também precisamos nos afastar dos argumentos morais, a discussão entre vegetarianos e carnívoros é desencadeadora e não ajuda. Precisamos de histórias positivas, melhor produção etc. Embora haja acordo sobre o modelo de equidade, foi sugerido que, embora "o Norte precise reduzir mais rapidamente, nós, no Sul, não podemos aumentar as emissões. Caso contrário, não iremos a lugar algum". Precisamos romper as barreiras entre o mundo acadêmico, as comunidades rurais e os moradores urbanos. Também é importante lembrar que no Norte global, no Canadá e na Suécia, as terras indígenas ainda estão sendo roubadas e destruídas, às vezes para alimentar o setor de bioenergia. No Canadá, estamos combatendo Trump com o nacionalismo, que está sendo usado como desculpa para destruir terras indígenas. Foi sugerido que, embora a luta seja grande e complexa, não devemos perder a fé, devemos nos orgulhar de nossas vitórias e das florestas que conseguimos proteger. Podemos gritar e berrar com os políticos, mas não com os consumidores, precisamos de um enquadramento positivo. Há links para a sessão sobre narrativas.

Quinta-feira, 22 de maio

Dia 3 | Espalhando as sementes	
9.00	**Círculos de controle e boas-vindas aos novos participantes**
	Todos foram convidados a refletir sobre momentos para espalhar as sementes da esperança: o que você está plantando a partir daqui? E o que você precisa para que isso cresça? Os participantes destacaram que estamos lutando a partir de um lugar de amor e que os relacionamentos que estamos construindo hoje e agora, bem como com as pessoas que virão depois de nós, são fundamentais. Eles também destacaram que o cuidado é o que permitiu o crescimento de nossas civilizações. Voltar e estar conectado às nossas raízes e sentir nossos corpos deve nos guiar. Nesse sentido, é fundamental localizar e contextualizar as soluções globais que estamos propondo nos territórios administrados pelos Povos Indígenas e pelas Comunidades Locais.
9.40	**Plenária: Plenária da COP30: Conectando lutas, alinhando mensagens**
Sessão da COP30	**Começamos ouvindo os brasileiros, já que o Brasil será o anfitrião da COP:** **Um participante brasileiro** explicou por que precisamos que as pessoas participem da Cúpula dos Povos, incluindo o fato de que nossos sistemas naturais estão entrando em colapso; os espaços para colaboração estão diminuindo; o multilateralismo está em crise; a sociedade civil perdeu espaço e as plataformas são fracas. Precisamos de uma transformação profunda do sistema econômico mundial e de nos reconectarmos como um movimento global. **Um participante brasileiro** disse que forneceremos às pessoas no local informações sobre a COP30, incluindo informações sobre os mercados de carbono, pois muitos não conhecem os problemas. **"Nós existimos, resistimos e continuaremos fazendo isso".** **Outras declarações incluem** Midia Ninja afirmou que a COP é um processo, não apenas um evento, e é poderosa, um ponto de partida para o que construímos depois dela. Faremos isso a partir de três ângulos: mobilização de parceiros; organização de espaços de discussão sobre feminismo, pessoas negras, LGBTQIA+, agricultura; facilitação de narrativas e contação de histórias. Teremos um hub em Belém, todos são bem-vindos para mapear territórios e histórias que queiram compartilhar. Haverá um acampamento e todos são bem-vindos.

	Tememos não ter permissão para entrar na COP. Isso acontece no Brasil, mas não é para os brasileiros. "**Eles estão destruindo casas para recebê-los**"**.** Pedimos aos financiadores que apoiem a Cúpula dos Povos, pois não é uma COP real sem pessoas reais. Pediremos reparação para os Quilombolas e um espaço antirracista e antissexista para mulheres, crianças e pessoas LGBTQIA+. **Da APIB no Brasil:** Nossa principal expectativa é um legado concreto em termos de demarcação de territórios indígenas. Faremos isso trazendo propostas específicas para uma Contribuição Indígena Determinada Nacionalmente, com foco no efeito de adaptação e mitigação da demarcação com metas específicas; propondo um Compromisso Global de Reconhecimento Territorial; pedindo Financiamento Climático Direto (já que os Povos Indígenas e as comunidades locais são os verdadeiros preservadores dos biomas e, portanto, na luta contra as mudanças climáticas). **Outro representante indígena do Brasil** pediu a maior mobilização indígena de todas as COPs, o que provocou aplausos em toda a sala. Ela falou sobre a Comissão Indígena Internacional para a COP30, que foi lançada pelo governo brasileiro como parte do Círculo dos Povos, com o objetivo de melhorar o diálogo entre as organizações indígenas e a Presidência da COP30. Eles lançarão a campanha "A resposta somos nós": uma grande campanha de conscientização para aumentar a visibilidade global. Nossas mensagens de campanha são claras e inegociáveis: Direitos à Terra = Ação Climática; Desmatamento Zero; Sem Combustíveis Fósseis e Sem Mineração em Nossos Territórios; Proteja os Defensores! Proteger nossos modos de vida; e Acesso direto ao financiamento climático. Ela convidou todos a tirar uma foto com a bandeira da campanha. **Os palestrantes foram ampliados para abranger o mundo todo:** **Começamos** reconhecendo que há um genocídio acontecendo na Palestina, que precisamos de justiça racial e climática, que o extrativismo nos divide e que precisamos de alianças. Outros comentários incluíram: Precisamos nos unir com demandas claras que incluam as comunidades que foram deixadas para trás. Precisamos educar as pessoas sobre a COP e pensar em como apoiar comunidades prósperas. **A Aliança Global de Comunidades Territoriais (GATC)** falou sobre a necessidade de liderança e vozes de jovens, mulheres e idosos. Nossos pedidos são: Fortalecer a resiliência econômica das comunidades; cooperar com fundações e comunidades internacionais para garantir que o dinheiro vá para os territórios; discutir os direitos indígenas em primeiro lugar; criar mecanismos de justiça para proteger os povos indígenas; aumentar os direitos das comunidades locais em políticas e investimentos globais.

	A Afrewatch DRC delineou que seus pedidos são: proteger os direitos dos defensores ambientais; apoiar suas necessidades (eles não são pagos e não recebem apoio quando estão doentes); e mobilizar organizações para garantir que os resultados cheguem àqueles que mais precisam. **Fundação Rainforest da Noruega:** A COP30 é a nossa oportunidade de colocar os povos indígenas no centro da agenda climática global. Na Noruega, estamos pedindo o reconhecimento claro dos territórios até 2035 e a ampliação do apoio financeiro. Nosso alvo é a Noruega, a Alemanha, os investidores e as instituições financeiras. Precisamos colocar a cultura no centro do clima humano - no balanço global, a tecnologia é mencionada 33 vezes, enquanto a cultura não é mencionada nenhuma vez. Teremos um pavilhão de entretenimento *dentro da* Zona Azul: para elevar os profissionais e as iniciativas culturais que estão acontecendo. Um representante da sociedade civil da Indonésia disse que precisamos colocar os grupos vulneráveis no centro da campanha. Precisamos ampliar as soluções locais bem-sucedidas. Perguntaremos o que é justiça climática e pediremos resiliência em termos de alimentos, água e energia, além de economias comunitárias. Um representante brasileiro disse que precisamos de uma aliança entre os povos da floresta e o uso sustentável da terra e dos territórios. Não podemos salvar as pessoas se não salvarmos e curarmos o meio ambiente, precisamos combater o fundamentalismo religioso, que será nosso maior inimigo na COP30. Um representante do Brasil disse que a realidade no Brasil é difícil, houve apagões, muitos morreram, a mineração ilegal continuará, enquanto a saúde, a educação e o desemprego são precários. Aqueles que forem à COP precisarão sair de suas zonas de conforto. Precisarão levar uma rede e colocar na sala de alguém, para entender como é viver em uma cidade construída pelo racismo ambiental, precisarão sair do seu hotel 5 estrelas. Alguém da Argentina falou sobre uma enorme floresta na Argentina que foi destruída, sobre monoculturas de soja, sobre povos indígenas que estão sendo excluídos de seus territórios e sobre um governo fascista, mas ele disse que já estivemos aqui antes e que temos uns aos outros e que, juntos, construiremos a força! **Em seguida, a plenária foi dividida em grupos menores para discutir visões para a COP** **Unidade, emoção e sabedoria intergeracional**

	Os participantes enfatizaram a força emocional obtida pelo fato de estarem juntos, a importância da luta coletiva e o profundo respeito pelos mais velhos como detentores de conhecimento. Muitos falaram sobre a conexão entre o coração e a mente e sobre a necessidade de honrar o conhecimento ancestral e, ao mesmo tempo, apoiar a mobilização dos jovens. **Inclusão, equidade e espaço para todas as vozes** Houve um forte apelo para garantir que todos os participantes - especialmente jovens, mulheres e pessoas de grupos sub-representados - tenham espaço para falar. As vozes dominantes que atrapalharam as discussões foram uma preocupação. **Centrando a juventude** Os jovens são vistos como essenciais, com ideias inovadoras e uso de tecnologia, mas estão ausentes. Houve apelos urgentes para uma representação mais forte dos jovens na COP e na construção de movimentos, bem como o luto pela perda de vidas jovens devido à violência e à exclusão sistêmica. **Como devemos usar a plataforma COP?** Os espaços da COP são ecologicamente corretos e excludentes, mas essa COP será realizada em terras indígenas. Há um risco em participar e em não ser visível e vocal. Precisamos preencher as negociações formais e o espaço externo, e garantir que nossas histórias se encontrem. **"Esta é a primeira vez que a COP está em uma terra indígena, precisamos fazer barulho e ser visíveis. Se não aparecermos, não existimos. Não se trata apenas da COP, mas também de uma oportunidade de nos mobilizarmos e nos unirmos."** **"O desmatamento da floresta tropical e o deslocamento de comunidades para abrir caminho para esse evento está mostrando que não será diferente a menos que ocupemos esse espaço."** **Demanda por uma estratégia interna e externa** Um tema recorrente foi a necessidade de abordagens duplas: mobilização de base em casa e presença forte e coordenada na COP. Foram feitos apelos para que aqueles que estão "dentro" das negociações formais permaneçam conectados àqueles que estão "fora", organizando protestos, contando histórias e espaços liderados por pessoas. Houve um apelo para que se usasse a mobilização global para ajudar no desenvolvimento de políticas ambientais em nível nacional. **A necessidade de narrativas unificadas e uma estratégia de mídia comum**

	A narração de histórias foi vista como fundamental para superar os processos burocráticos. Os participantes pediram foco na construção de narrativas, no envolvimento da imprensa e no uso da mídia alternativa, como o MidiaNINJA, para ampliar as vozes da linha de frente em detrimento das narrativas oficiais ou da elite. Precisamos unificar nossas comunicações, ocupar redes e garantir que nossas histórias sejam divulgadas. **Destruição causada pelo capitalismo e pela repressão** As discussões levantaram o impacto do capitalismo, a captura corporativa (por exemplo, eventos da COP patrocinados por empresas de mineração) e a repressão governamental. **"O capitalismo está destruindo o trabalho coletivo. Como voltar às nossas raízes?**" **"A bioeconomia não é a solução. Precisamos dizer isso a eles."** **Próximas etapas: esperança e mobilização compartilhada** Foram discutidas ações futuras concretas: reuniões de jovens (por exemplo, Fortaleza), mobilizações nacionais, ações de solidariedade em casa e sessões de treinamento antes da COP. Muitos enfatizaram que este momento é parte de uma jornada maior - não um começo ou um fim. **"Nessa reunião, percebemos que há esperança/ Lutar com outras pessoas é muito fortalecedor para continuar."** **"O pessimismo é um privilégio, nós não temos esse privilégio".**
14.00	**Feira de Soluções do Encontro Global dos Povos pelas Florestas (anotações de Richard)**
	Destacamos que, além de todos os problemas que foram destacados, já existem soluções que talvez possam ser replicadas. Portanto, diferentes participantes montaram barracas para destacar o que estão fazendo e o que já está funcionando. Entre elas, estavam o Monitoramento Independente de Florestas na Costa do Marfim; mulheres quilombolas lutando pela titulação de terras; resistência da comunidade à apropriação de terras em Camarões; campanha contra os fatores de desmatamento no Togo; um tratado para restaurar o ciclo da água na Amazônia; e campanha contra a IKEA.
16.00	**Verifique o círculo e os destaques do que aconteceu e o que eles querem levar adiante, que tipo de ações e sentimentos.**
	Antes de nos despedirmos, todo o grupo voltou à plenária para relembrar a vida de Marielle Ramires, ativista e comunicadora ambiental. Seu espírito impulsionou a reunião, pois ela foi a força motriz por trás do encontro Peoples for Forests. Um vídeo de sua

	vida foi compartilhado e muitas pessoas falaram sobre o quanto ela significou para elas e por que continuariam a lutar. Apesar das lágrimas derramadas, a mensagem era de esperança e de continuidade de seu legado. Nós somos as sementes que ela plantou e agora precisamos crescer. Em seguida, houve uma cerimônia de encerramento em que todos se reuniram em torno do altar onde as pessoas haviam colocado seus bens preciosos. Nós os pegamos de volta e coletamos sementes para plantar em um futuro metafórico e físico.